

Cancer et pluralisme thérapeutique. Enquête auprès des malades et des institutions médicales en France, Belgique et Suisse



127

Cohen, Patrice; Sarradon-Eck, Alice; Rossi, Illario; Schmitz, Olivier; Legrand, Émilie. 2015. *Cancer et pluralisme thérapeutique. Enquête auprès des malades et des institutions médicales en France, Belgique et Suisse*. Collection Anthropologies & Médecines. Paris: L'Harmattan.
ISBN : 978-2-343-07731-4, 286 pp., 31.00€
DOI : https://doi.org/10.14195/2182-7982_35_8

Vários pesquisadores estão reunidos neste livro coletivo para nos oferecer um olhar antropológico pertinente e rigoroso sobre as medicinas complementares e alternativas em oncologia.

Desde há algumas décadas, as exigências dos utentes de saúde e a autonomia dos pacientes nos campos da saúde têm-se desenvolvido, favorecendo a pluralidade de usos, técnicas e terapias paralelas à medicina convencional, assim como mudanças nas representações dessas medicinas e do seu lugar nos sistemas de saúde.

É neste contexto de transformação que o Instituto nacional do cancro lançou aos investigadores um desafio, o de uma pesquisa em ciências sociais e humana sobre o uso das medicinas não

convencionais por pacientes com cancro. O livro *Cancer et pluralisme thérapeutique. Enquête auprès des malades et des institutions médicales en France, Belgique et Suisse* é o resultado do programa de pesquisa realizado em resposta a esse concurso, e que reuniu uma dúzia de pesquisadores em cinco locais, três na França, um na Bélgica francófona e um na Suíça francófona.

A obra apresenta uma abordagem comparativa entre esses três países vizinhos, cujos movimentos sociais, a história cultural, as instituições médicas e as políticas de saúde nesta área são semelhantes, embora difiram quanto ao grau de liberalização no campo de medicinas não convencionais. Essas diferenças permitem avaliar o impacto da legislação

sobre a legitimidade social das medicações não convencionais. A Bélgica e a Suíça são, por exemplo, regularmente citados por pessoas com cancro quanto ao acesso a vários produtos e terapias não disponíveis em França. O desenvolvimento das medicações não convencionais é assim explicado pelo complexo jogo de dimensões políticas e económicas de cada país na promoção, regulação ou controlo da pluralidade terapêutica.

Os autores questionam as definições, os usos e as funções das medicações, dos tratamentos e das técnicas não convencionais, cuja utilização é cada vez mais comum e diversificada, e analisam a grande diversidade das ofertas não convencionais no quadro de um pluralismo terapêutico em evolução.

O agrupamento de uma grande pluralidade de produtos, técnicas e terapias sob uma única expressão e, in fine, sob um mesmo critério, “medicina alternativa”, “natural”, “não convencional” - mostra o posicionamento da biomedicina perante estas outras medicações e as implicações sociais, económicas e políticas que coloca.

O que são medicações “complementares e alternativas”? Como e porque é que os doentes recorrem a elas, numa altura em que a biomedicina oferece tratamentos cada vez mais eficazes? Até que ponto os cuidados de saúde podem ser considerados cientificamente justificáveis? Os autores respondem claramente a estas questões socioculturais e de

saúde emergentes. Esta obra representa pois uma contribuição valiosa para a antropologia da saúde.

Marta Maia

Centro de Estudos de Antropologia Social – CEAS, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal
maia_marta@hotmail.com